

## Retrato de meu Pai

**ALBERTO DEODATO MAIA BARRETO FILHO**

Professor da Faculdade de Direito da UFMG

Menino do Maroim. Do Sergipe. De camisola para sair de casa. Mas pelas ruas. A cortar os cabelos compridos dos colegas. A caçoar. A correr. A brincar no ganhomoroba. A pegar siris. A comer a comida gostosa dos empregados. Com a mão. A pregar “sustos” e “peças”.

O sempre menino que eu conheci. A trazer o bom humor. A mostrar a simplicidade das soluções.

Lembrá-lo é ter presente um ambiente de alegria.

Sua personalidade, seus gestos, suas atitudes, seu sorriso, sua troça, suas estórias...

Jamais o vi nervoso. Pouco se lhe importavam as raras hostilidades. Sua presença impunha-se, ainda que íntimo não fosse. Catalizava as atenções. Em poucos segundos arrebatava a todos.

Contagiante a sua mocidade. Gostosa a alegria que desperdiçava.

Criticava, mas não magoava. Tornavam-se seus amigos os adversários políticos.

Nada queria. Defendia, com tenacidade, os favores que os humildes lhe pediam.

Presenciei, por muitas vezes, sua “roda”, na rua, com estudantes. Era o moço mais moço que falava, em variado tema. Não doutrinava. Falava e respondia. De igual para igual.

Diretor da Faculdade de Direito nos tempos de “agitação”, sua conversa, com alunos “belicosos”, não se alterava. Mais parecia um “papo” de jovens amigos. Descambava nas

“estórias”, nas comparações. Citava amigos seus, em cada caso. E terminava com “tapinhas” na barriga do interlocutor e “filando”-lhe um cigarro: — O médico o proibira de fumar!

Todos os sisudos cavanhaques estudantis saíam, de sua sala, “morrendo de rir”, sem nada obter.

De certa feita, em um movimento conhecido por idéias marxistas, a um aluno, que viera parlamentar, disse: “bichão”! conheço sua gente! Cuidado para não fazer o que o meu amigo fez. Era católico. Fervoroso devoto de São José. Carregava-lhe o andor. Não faltava à reza noturna diária. Deu-lhe na “cabeça” salvar “muié-dama” e, por descuido, lá se foi... Vi-o, depois, em atitudes indecorosas dirigidas contra os santos e a Igreja!

A advocacia. Humanidade, compreensão, amor, no exercício da profissão. Do filho que iniciava, a admiração do aprendiz. Admiração agora maior, quando posso distinguir a ética, a diligência, a sinceridade, a retidão.

A política. Aquelas jornadas cívicas. O perigo nos comícios. O bravo lutador. Aquele que, recentemente, comandou uma revolução.

O amor à leitura. Os seus escritos. Suas crônicas diárias. O fato recente no sabor talentoso. Seus livros e artigos jurídicos. Os comentários, sempre com vigor, a quem quer que aparecesse.

Nunca escondeu as suas emoções.

Sua ternura por nós, os filhos e a esposa. Ternura em palavras! O coração falando... Em carinhos à nossa mãe... Tanto prazer nos dava!...

De contagiante lirismo, olhou a sua Faculdade de Direito sob um ângulo totalmente inédito, de suas tradições. O seu velho prédio, com os jardins floridos. A rosa que ele viu o aluno furtar para ofertar à namorada. Na “Sala dos Professores”, lá estão aqueles desenhos decorando o biombo, que mandou fazer, evocando todos os prédios em que funcionou a Faculdade, desde Ouro Preto.

Tendo por símbolo o antigo sino, pelo qual Samuel chamava às aulas, fundou um clube de ex-alunos, "Clube do Samuel!".

Muito indignado estava. Os freqüentadores do Cine Guarani haviam deixado seus veículos justamente em cima do florido jardim da Avenida Álvares Cabral. Aquilo não se poderia repetir... Incentivou seus alunos para que defendessem o belo. E todos, à saída do cinema, ficaram observando, sorrisos pouco dissimulados, os freqüentadores a encher os pneus vazios!

E a tristeza estampou-se em seu rosto, ao ver sua Faculdade invadida e dominada por militares...

Aquela noite em que conversávamos! Contava-lhe uma visita que fizera às linhas divisórias de uma fazenda. O ermo. O sol da madrugada esquentando. O ar parado, o tempo mudo. O cantar do córrego límpido. O silêncio, às vezes cortado pelo canto dos pássaros. A bruma a se dissipar. O gostoso café quente que me deram. Eu vi, em seu rosto, os olhos úmidos. Senti sua vontade de, naquela hora mesmo, procurar o demandista, para gozar o mesmo prazer!

E, por ventura, não derramou todo seu lirismo, quando não mais sentiu o florescer do seu ipé, após a morte de sua companheira, minha mãe?

Todos e tantos amigos ficaram na terra! Dele restou algo em cada um!

Quanta solidariedade, carinho e conforto temos recebido!

Dorme seu corpo em um local privilegiado e simples. Debaixo de uma árvore. Junto de sua companheira, minha mãe. E de meu irmão mais velho, o Mário.